



NOS BASTIDORES DOS TELEJORNAIS

**NOS BASTIDORES
DOS TELEJORNAIS**

RTP_I, SIC E TVI

Adelino Gomes

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXII

Nota: todos os sítios de Internet citados no livro se encontravam disponíveis em Setembro de 2012.

© 2012, Adelino Gomes
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Nos Bastidores dos Telejornais.*
RTP1, SIC e TVI
Autor: Adelino Gomes
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa:
Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2012

isbn: 978-989-671-135-1
Depósito Legal n.º 349045/12

*Para Maria, Auzenda, Adelino e Luís.
Ao Zé, que tão cedo primeiro partiu, também,
e à Alice, que recomeça todos os dias.
Ao João, ao Pedro e à Manelinha.*

Que faremos nós com esta televisão?
Que farei eu com estas tecnologias?
EDUARDO PRADO COELHO, 1996

Índice

Apresentação	15
INTRODUÇÃO — Modelo de propaganda e limites da autonomia jornalística.....	27
Chomsky sim, Chomsky não.....	32
Uma certa «margem de liberdade»	38
Difíceis de amar, mas difíceis de evitar pela democracia	41
Funcionários de uma indústria ou funcionários da humanidade?	43
Última palavra à redacção	46
Autonomia, chave da relevância jornalística	50
Constrangimentos, alheios e próprios	55
PARTE I	
O <i>sanctus sanctorum</i> da edição dos telejornais a descoberto: notas de um diário de campo	
CAPÍTULO I — Observação na RTP1, SIC e TVI:	
perfil das estações e lugar da mulher	67
A redacção como metáfora teatral	69
O perfil das três estações	73
Quem dá a ver o quê a quem.....	89
<i>Sound bites</i> , nacional-futebol e Calvin	92
Feminização e habilitação dos jornalistas	101
CAPÍTULO 2 — Conferência de redacção, audiências e o <i>frisson</i> do intervalo.....	116
Feminização e rarefacção da senioridade	116
Conferência de redacção para todos os gostos	119
Audiências, o breviário do fim da manhã	137
As mil e uma voltas do alinhamento	140
São Futebol	147
O <i>frisson</i> do intervalo.....	149
A febre do «exclusivo»	150
Audiências, ou as migalhas de um assalto.....	153
Fim-de-semana: uma espécie de magazine.....	161

CAPÍTULO 3 — Flagrantes de uma observação tripartida	167
RTP: a importância do planeamento	
e a perene ameaça de intoxicação pelas fontes	168
Olhares cruzados em Queluz: esta nova TVI,	
a TVI à antiga e «o tempo do terrorismo»	180
Olhares cruzados em Carnaxide: jornalismo participativo	
à portuguesa — o afogado, o negro e o leão da Maia	189
Síntese conclusiva	192

CAPÍTULO 4 — Todas diferentes, todas iguais... ..	198
<i>Chifres d'affaires</i> no posto de comando	201
Mais tempo, menos rigor	202
Alinhamento desalinhado.....	204
Défice de debate.....	209
RTP, mais igual do que as outras	210
Nota final: a <i>performer</i> mostra a sua raça.....	219

PARTE II

O ponto de vista do campo

CAPÍTULO 5 — Liberdade, independência, pressões e boas «estórias».....	227
Estrutura funcional das redacções	229
Livres sim, mas com restrições... ..	231
Pressões más, pressões «benignas»	236
RTPi: Independência. <i>Pero que las hay</i>	244
SIC: «A mais independente», mas... ..	246
TVI: «Livre, excepto...»	250
Notícia televisiva e «boa história»	254

CAPÍTULO 6 — Alinhamento: quem decide o quê, como e porquê.....	263
Conferência de redacção, «lugar sagrado» ou instância burocrática?	265
Directores, em última instância.....	269
Concorrência, peso das audiências e pressão do <i>zapping</i>	275
Intervalo, principal terreno de disputa.....	281

CAPÍTULO 7 — Revisitação das audiências e de Mr & Mrs Gates.....	286
Hierarquia da importância <i>versus</i> «o rumo e a prática das redacções»	289
O mundo à distância de um clique, ou Mr & Mrs Gates na era do <i>zapping</i>	294

CAPÍTULO 8 — Audiências, hierarquia da relevância moral	
e autonomia do campo	303

PARTE III

Conclusões e o «próximo jornalismo»

CAPÍTULO 9 — Linhas de força conclusivas da observação nas três redacções..	321
Primeiras respostas	322
Linhas de força principais	323

CAPÍTULO 10 — A dança de Mr Gates em dez assaltos	334
<i>Round 1</i> : Do fim do império do programador	335
<i>Round 2</i> : Da arrogância dos jornalistas,	
da ditadura das audiências e da consciência do <i>zapping</i>	342
<i>Round 3</i> : Do fim anunciado da televisão generalista	
a uma informação a duas velocidades	345
<i>Round 4</i> : Redes sociais e Mr Gates II	349
<i>Round 5</i> : Jornalismo sem informação; informação sem jornalistas	353
<i>Round 6</i> : Revolução, evolução, reconfiguração, refundação.....	359
<i>Round 7</i> : De guardião a guia — moratória a Mr Gates	363
<i>Round 8</i> : Do Daily Show ao fim do NYT e à nova geração	367
<i>Round 9</i> : Credibilidade, responsabilidade social e individual,	
direito ao desafio ético	371
<i>Round 10</i> : A história inacabada de uma autonomia sempre sob ameaça	375
<i>Round</i> suplementar (em progresso): Prós e contras da «página infinita»	
da Internet na era da informação global.....	381

Glossário	391
Notas bibliográficas.....	395
Bibliografia	415

Apresentação

Nasci profissionalmente na Fortaleza-Jornalismo. Vivi e trabalhei durante 42 anos em instituições orgulhosas, protegidas por paredes grossas. A nossa tarefa principal, todos os dias, era simples: sermos os melhores na recolha, elaboração e apresentação de notícias, reportagens, entrevistas, noticiários.

Em termos práticos, isso significava uma emulação constante com as redacções dos outros meios — a saber, tendo em conta a minha história de vida profissional: Rádio Clube Português *versus* Emissora Nacional e Rádio Renascença; Renascença *vs* Rádio Clube; Rádio Comercial *vs* Renascença e Antena 1; a TSF contra todos eles; o *Público* contra o *Diário de Notícias*. (Neste último caso, confesso, a fasquia — isto é, a ambição — chegou a estar colocada muito mais alto: sermos não apenas o melhor jornal do país, mas ombrearmos com aqueles que tínhamos por referência na Europa, em particular *El País*, *The Independent* e, em certa medida também, muito no início, o *Libération*).

As audiências funcionavam para nós como uma massa indefinida, um bruaá. De onde aceitávamos que emergisse uma voz para escrever uma carta, pedir um disco, participar num concurso ou, vá lá, ilustrar uma peça sobre a desvalorização do escudo, uma remodelação governamental, um desastre, um crime.

*

O que o leitor acaba de ler corresponde quase *ipsis verbis* aos primeiros parágrafos do que disse no início das minhas provas de doutoramento, no ISCTE-IUL, em 4 de Julho de 2011*. Segui, na sua preparação e elaboração, as regras académicas. Mas nunca esqueci a minha origem profissional. Pelo contrário, várias vezes a recordei, para dela me socorrer. Em particular na segunda investigação, que me levou a três redacções de televisão, numa das quais chegara a trabalhar, entre Fevereiro de 1975 e Maio de 1976**. Este livro tem origem directa nessa parte da tese, como explico na Introdução.

Renovo aqui os agradecimentos a todos/as os/as que, de uma ou outra forma, me ajudaram a vencer o desafio lançado pelo sociólogo e antigo correspondente do *Le Monde* em Lisboa, José Rebelo, no início da primeira década deste século, a um grupo de velhos jornalistas que nos anos de 1960 e 1970 tinham trocado os bancos da universidade pelo fascínio da notícia e da reportagem em jornais, revistas, emissoras de rádio¹. Nas pessoas dos Professores António Firmino da Costa e Rui Pena Pires, que mais de perto nos acompanharam durante o curso de doutoramento e nunca deixaram, depois, de se interessar pelas nossas actividades, saúdo os docentes e os responsáveis do ISCTE-IUL, que souberam ser, simultaneamente, incentivadores e exigentes para com o grupo.

Ao meu orientador, Professor Gustavo Cardoso, agradeço a paciência, a generosidade e a confiança que tem continuado a oferecer-me, traduzidas em desafios aliciantes nas áreas da docência e da investigação.

Quero «denunciar», por fim, as duas «culpadas» desta transformação em livro de um trabalho de investigação condenado a

* A tese intitulava-se «O telejornal e o *zapping*. Estudo do comportamento de editores e telespectadores nos jornais das 20 horas da RTP1, SIC e TVI (2006-2010)».

** A primeira investigação teve como objectivo o apuramento quantitativo da actividade de *zapping* em Portugal, em particular durante os telejornais das 20h00 nas três estações generalistas. Os seus resultados, apenas parcialmente revelados, também serão tornados públicos, espero, dentro de poucos meses.

adormecer no Repositório do ISCTE-IUL. A jornalista e escritora Alexandra Lucas Coelho porque, num excesso de generosidade, deixou que a amizade obnubilasse a sua conhecida exigência crítica, defendendo o interesse da sua edição na Tinta-da-china. E Bárbara Bulhosa porque, em meio de um vendaval de crises nacionais e globais, aceitou apostar numa obra em que o rigor da análise não consente derivas sensacionalistas.

A partir deste dia também minha editora, Inês Hugon constituiu-se em representante do leitor junto da minha relutância em abandonar a linguagem académica na raiz deste trabalho. Cumpriu a tarefa com minúcia e determinação, além de grande simpatia. Devo-lhe melhorias substanciais na legibilidade do texto.

Nesta instância, e tendo em conta o tema específico que abordo no livro, permita-se-me, por fim, que dirija uma saudação muito especial aos responsáveis e elementos das redacções da RTP, SIC e TVI, em particular aos directores, respectivos adjuntos e coordenadores que me acolheram em 2007 e 2008, e a alguns dos quais voltei a ouvir, em 2009 e 2010 e agora, de novo, para este livro.

São os últimos — os coordenadores do jornal das 20h00 — que o leitor mais vezes vai encontrar nas páginas que se seguem. Foi junto deles e a partir deles (do seu trabalho, das interacções que os vi estabelecerem com directores, editores, jornalistas e até fontes, por vezes) que desenvolvi o essencial do trabalho de observação que este livro apresenta. A eles se devem, também, em primeira linha, as informações e os esclarecimentos sobre métodos de trabalho e critérios seguidos nas respectivas redacções. Pelo lugar estratégico que ocupam, eles são, na verdade, actores principais, ainda que não únicos, do processo de selecção editorial (*gatekeeping*) e de tratamento técnico e editorial (*newsmaking*), que fixa o alinhamento noticioso dos telejornais.

Na sua obra antológica sobre psicologia social, *The Presentation of Self in Everyday Life*, datada de 1959, Erving Goffman, figura de proa da Escola sociológica de Chicago, apenas uma vez alude especificamente à televisão: ao fornecer alguns exemplos de «bastidores», considera «interessantes» aqueles que se revelam quando as pessoas (incluindo os profissionais) ignoram ou se esquecem de que as câmaras e/ou os microfones estão ligados.

Não obstante, a obra oferece-nos uma excelente metáfora teatral, a que recorri como metodologia de observação, tão fecunda ela se anunciava à minha incursão num mundo profissional por via de regra fechado «aos de fora». E onde, inevitavelmente, ao longo de toda a estadia, eu iria ser «audiência» de uma performance com as suas áreas de «palco» e de «bastidores», representada, consciente ou inconscientemente, pelos «actores»/jornalistas sob minha observação.

Pois bem: apesar da extrema sensibilidade do que estava em causa, RTP, SIC e TVI abriram-me, sem restrições de qualquer espécie, as portas dos *backstages* «goffmanianos» que são — ali, como em qualquer estação de televisão generalista, pública ou privada — a conferência de redacção e a *régie*.

Devo-lhes — às respectivas administrações, naturalmente, mas em particular aos directores e coordenadores — a criação de um ambiente de compreensão, de respeito e de confiança que me permitiu estender para a fase da escrita a liberdade de indagação e de reflexão crítica que senti desde o primeiro dia da minha chegada.

Faço questão de partilhar com o leitor uma informação de «bastidores», como exemplo deste ambiente e de como ele se prolongou para além da minha estadia.

Nas notas de campo das três semanas que vivi nas três redacções, segui o princípio do anonimato para as fontes e personagens com quem me iria cruzando. Trata-se de um procedimento comum e eticamente recomendado em trabalhos de carácter etnográfico.

No prefácio de *Deciding What's News*, de 1979, Herbert J. Gans transpôs este princípio para os média, lembrando que os sociólogos devem estar mais preocupados com os papéis que as pessoas desempenham e o lugar que ocupam nas organizações do que em individualizar personalidades. Embora o tenha respeitado, contudo, não hesitou em colocar no pós-título do estudo o nome das organizações estudadas: duas redacções de televisão — a CBS Evening News e NBC Nightly News; e duas revistas de informação geral — *Newsweek* e *Time*.

Numa obra igualmente antológica sobre o trabalho jornalístico em várias redacções (*Making News. A Study in the Construction of Reality*) saída no ano anterior, Gaye Tuchman seguiu a mesma regra geral, mas manteve também o nome de dois dos locais onde o estudo decorreu e de jornalistas que autorizaram a divulgação dos seus nomes.

Sendo a RTP, a SIC e a TVI as únicas estações generalistas de televisão que emitem em Portugal, em sinal aberto, às 20h00, jornais com a dimensão dos que analisei, entendi que se revelaria inútil (além de ridículo) atribuir-lhes nomes fictícios. Situação semelhante, por decorrência, se aplica aos respectivos directores e apresentadores, quase todos com inegável estatuto de vedeta no país. Quanto aos coordenadores, os seus nomes correm todos os dias na ficha técnica.

Decidi, assim, aplicar o princípio do anonimato às declarações, orais ou por escrito, de todos os elementos da redacção, excepto de directores e coordenadores, junto de quem me comprometi, no entanto, a enviar as partes do trabalho em que seriam expressamente citados.

Assim fiz, no período de fixação do texto da tese. Recebi de vários pequenas correcções, que muito agradei. Apenas duas delas punham em causa as opções que tomara, quanto a citações: uma, de um director, que depois de um longo período de silêncio, e após insistências minhas para que se pronunciasse, me manifestou que discordava da importância que atribuí a uma

declaração sua; e a outra, de um elemento da coordenação, que discordou frontalmente da forma como relatei um episódio.

No primeiro caso, mantive o carácter enfático da citação. O autor fez questão, logo ali, de me dizer que aceitava a minha opção, embora continuando a discordar. No segundo, alterei o texto, por reconhecer que os termos do relato eram susceptíveis de lhe atribuir, injustamente, alguma responsabilidade na cena. A pessoa em causa comunicou-me a decisão de não permitir que a nomeasse. Apesar de a considerar infundada e excessiva, esta posição levou-me a proceder a mais algumas alterações, na actual versão. Respeito, assim, a sensibilidade da pessoa em questão. Felizmente, nada do que considero essencial teve de ser retirado.

Dito isto: nenhum director ou coordenador, directa ou indirectamente, quis, ou tentou, conhecer as conclusões a que eu chegara (e que ficavam de fora dos termos de referência do nosso acordo). Isto apesar das partes do texto que lhes enviei, bem como das conversas que fomos tendo durante e depois da observação, não deixarem dúvidas sobre as posições críticas que iriam prevalecer na minha análise.

O leitor verificará que estas são várias e profundas. Mantenho-as, no essencial, sem prejuízo das mudanças que entretanto ocorreram quer na estrutura, quer mesmo no perfil editorial, seja da TVI, seja da RTP — esta última, no momento em que escrevo, a sofrer um errático, desinspirado e preocupante folhetim «Privatização/Concessão» do serviço público de rádio e de televisão cuja acção os guionistas governamentais centram em torno de «mercado», «custos», «concorrência», «consumidores» e «contribuintes».

As críticas duras que formulo nas conclusões da investigação não me impedem de elogiar publicamente a competência técnica dos elementos que constituem as equipas dirigentes dos telejornais das três estações. Estendo o elogio à generalidade dos jornalistas de base, cujo trabalho ficou, por opção minha, fora do caderno de encargos da observação, mas cujas peças vi, e continuo a ver, com atenção.

Sei que esta não é — longe disso — a percepção generalizada, mesmo no meio profissional. Vai para década e meia, contudo, que a sustento: além de mais habilitadas no plano escolar (o que é óbvio, dadas as circunstâncias históricas do país, e não constitui demérito imputável às anteriores), as novas gerações têm-nos oferecido excelentes jornalistas. Testemunhei-o durante o período da observação e confirmo-o no meu quotidiano de espectador de televisão.

Acompanho, é claro, as críticas que se fazem à falta de memória nos colectivos redactoriais de hoje, a lacunas culturais básicas e aos erros de português. Reveladora, a este nível, a crónica de 29.07.2012 do Provedor do Leitor do *Público*, José Queirós, ilustrando com numerosos exemplos (cada um o mais chocante) os conflitos gramaticais com a pátria-língua, num jornal de referência cuja redacção é constituída, em larguíssima maioria, por jornalistas com formação académica superior. A uma estéril preocupação contabilística em torno de ganhos e perdas geracionais, prefiro, contudo, aqui, a problematização das condições de exercício da profissão num quadro de responsabilização dos jornalistas. Seja dos colectivos redactoriais, seja do profissional individual.

*

Nos Bastidores dos Telejornais concentra-se na edição do principal programa informativo das três grandes estações de televisão em Portugal, o telejornal das 20 horas*. Mas dele nunca o leitor

* O nome próprio Telejornal tornou-se em *trade mark* da RTP, como bem assinala Manuel Pinto (Lopes, 1999:11-14). Por força de uma presença solitária na paisagem televisiva nacional de mais de trinta anos, o nome dado na grelha de programas ao principal noticiário desta estação, geralmente às 20 horas, autorizou, porém, a operação metonímica que consistiu em torná-lo sinónimo de qualquer grande espaço diário da actualidade noticiosa. Em especial o da hora do jantar — considerado a referência noticiosa televisiva em Portugal e, com pequenas oscilações, em muitos outros países. Reservo a identificação própria de cada um (*Télejournal*, RTP1; *Jornal da Noite*, SIC; *Jornal Nacional*, TVI) para quando deles trato em concreto. Daí, o uso no título da tese de ambas as designações gerais («telejornal» e «jornais televisivos»), à semelhança do que irei fazendo ao longo deste livro, em que utilizarei também «telejornais» e «noticiário».

encontrará arredado o pólo das audiências, na dupla vertente bélica (o adjectivo traduz com fidelidade aquilo que observei no terreno) de níveis de audiências e de uma concorrência que na hora da verdade (a emissão em directo do telejornal) sacrifica (de novo um termo usado com rigor) critérios editoriais.

Se a frequência destes comportamentos não oferece surpresa para nenhum telespectador crítico, a verificação de que tal passa incólume nos crivos internos da crítica das práticas jornalísticas, em particular na chamada conferência de redacção, constituiu para mim uma revelação. Agravada pelo facto de tais práticas serem comuns ao operador público, que aliás, no período de observação aqui relatado, me surgiu como aquele onde menos os responsáveis pareciam investir e (por essa razão?) menos vi cultivar uma cultura de crítica quotidiana do trabalho editorial.

O tempo da observação foi despendido, na sua quase totalidade, junto dos responsáveis directos pela selecção noticiosa final, alinhamento, execução e transmissão dos telejornais — os coordenadores, a quem designo, simbolicamente, por Mr and Mrs Gates, numa alusão à metáfora de White*.

O meu olhar foi sendo traduzido em notas de um diário de campo que retém momentos, frases, decisões impressivas de todo esse processo em cada uma das redacções (capítulos 2 a 8).

No plano académico, e para além do suporte essencial que foi a análise crítica do estado da arte nesta matéria, tal olhar procurou sustentação empírica em questionários a editores e jornalistas — em regime de anonimato — tendo como temas centrais a percepção dos jornalistas sobre o grau de liberdade existente na sua

* Em 1950, no seu estudo «The 'Gate Keeper': A Case Study in the Selection of News», publicado na revista *Journalism Quarterly*, 27(4), 383-390, David M. White descreveu com minúcia as operações e os critérios de selecção usados num jornal local de uma cidade média norte-americana pelo respectivo chefe de redacção, a quem atribuiu o nome de Mr Gates.

e nas outras redacções; os principais critérios que, do seu ponto de vista, deviam presidir à selecção noticiosa; e o peso quotidiano que tinham, nesta e no alinhamento dos telejornais, o *zapping* e os níveis de audiências.

Entrevistas em profundidade, semidirectivas, a directores, coordenadores e alguns jornalistas seniores pretenderam apurar o modo como as altas chefias editoriais das três estações avaliavam o papel do *gatekeeping* televisivo no tempo do *zapping*, da Internet e da comunicação individual de massas.

Procurei, ainda, apurar o balanço que directores e coordenadores faziam da vontade de autonomia, própria da cultura profissional, e das diferentes dependências — vividas pelos jornalistas numa condição esmagadoramente assalariada e até, «de algum modo» proletária, em Portugal².

Conservo da tese, também, o essencial da parte conclusiva, que distribuí por dois capítulos — o 9 e o 10 — com conteúdos que, como então, entendo complementares.

O primeiro aponta e enumera as respostas que ensaiei aos questionários aplicados e às entrevistas que fiz nas três redacções e às grandes linhas conclusivas que tracei das três semanas de observação.

O capítulo 10 («A dança de Mr Gates em 10 assaltos e um desafio ao futuro») sumariza tematicamente o processo reflexivo a que procedi ao longo da investigação. Nele exploro desafios, perplexidades e possíveis sentidos que, no processo de transição em curso, se me prefiguram (agora como então) na construção do «próximo jornalismo», num tempo em que «todos somos os nossos próprios especialistas» e em que o poder de informar parece ter sido outorgado «a toda a gente»³.

Procedi, ainda, a dois brevíssimos estudos de caso, cujo contributo (ainda que modesto) para um melhor conhecimento sociológico do grupo profissional dos jornalistas televisivos me permito relevar.

O primeiro, inspirado nos dados globais apurados na investigação do «Perfil Sociológico do Jornalista Português» (CIES/ISCTE,

2006-2009)*, ilustra a longa e lenta caminhada da mulher jornalista no sentido da paridade, na redacção da estação pública de televisão (1967-2009) (capítulo 1); o segundo, ainda que sumário, revela-nos traços marcantes de uma sociografia dos coordenadores dos telejornais das 20 da RTP1, SIC e TVI (capítulo 7).

*

Desenvolvi esta investigação num tempo que testemunhou enormes mudanças no campo comunicacional. Entre elas, o fim do predomínio do fluxo unidireccional da informação mass-mediática, confrontada por novas práticas comunicativas; o quadro de incertezas que todas as mudanças sempre ameaçam; e os efeitos múltiplos, alguns imprevisíveis, que a história da comunicação televisiva das últimas décadas abundantemente ilustra como hipóteses a considerar.

O objecto de estudo de que este livro, repito, é apenas uma parte, integra-se num processo social e tecnológico em andamento e permanentemente inconclusivo. A Internet tem vindo a ultrapassar «gradualmente muitas funções dos média de massas tradicionais», inclusive nos planos noticioso e informativo. Não me parece possível, muito menos prudente, olhar o quotidiano de uma redacção e as opções que nela são tomadas sem ter em conta a ruptura no «equilíbrio do poder, dos média para as audiências» e o peso determinante que em tais decisões assumem esta nova centralidade dos *users like you* e respectivos fluxos informativos por eles gerados nas redes sociais⁴.

As direcções axiais para onde dirigi a investigação tangem zonas em constante intersecção e interacção — os média (velhos e novos), em geral; o jornalismo, nas suas declinações escrita, audiovisual, *online*; e, até, o por mim (algo temerariamente?) de-

* Os principais resultados do estudo (dados quantitativos e respectiva análise, bem como meia centena de entrevistas a diferentes gerações) constam da obra *Ser Jornalista em Portugal. Perfis sociológicos*, anteriormente referida. Para efeitos de citação dos resultados, nesta obra referir-me-ei indistintamente ao livro como Perfil ou grupo do Perfil.

nominado Mr Gates II. Com esta designação, pretendo remeter tanto para o empoderamento do cidadão/utilizador, como para a emergência de poderosos processos de *gatekeeping* organizacional, que o trabalho seminal de White tão bem ilustrou na figura de Mr Gates. Um poder que se concentrava, no arranque desta investigação, no Google, Facebook e YouTube, entre poucos mais. Mas no qual entrariam, quase de imediato, o Twitter, enquanto rede social, e o Wikileaks.

A fulgurante afirmação deste último e da sua figura de proa, Julius Assange, no palco mediático, em 2010, marcou, para uns, um momento epifânico do direito à informação do cidadão global e, para outros, a abertura de uma caixa de Pandora da «transparência radical, potencialmente manipuladora e antidemocrática»⁵.

Antes, porém, de conduzir o leitor nessa viagem fascinante pelos bastidores dos telejornais da RTP1, SIC e TVI, proponho que enfrentemos a velha questão da autonomia jornalística. Seja a dos colectivos redactoriais, seja a do profissional individual. Coloco-a já na Introdução, em jeito de declaração de interesses: ela constitui a base do olhar que lanço sobre o papel dos editores na construção dos telejornais e, em geral, sobre o jornalismo.

Discordo da dupla visão, muito popular, de que os jornalistas se encontram, pura e simplesmente, ao serviço da ideologia dominante e que, nesse quadro, estão condenados, consciente ou inconscientemente, a manipular os receptores (leitores/ouvintes/telespectadores).

Parafraseando Rieffel na sua *Sociologia dos Media* (2003), o comportamento dos homens e o peso da sociedade estão em contínua interacção, num quadro complexo e contraditório, pelo que seria bom não continuarmos a raciocinar segundo um esquema causal e determinista da comunicação.

Sei que esta posição é polémica. Amigos exigentes criticam-me por acentuar em demasia o âmbito moral e deontológico do

jornalismo. Dizem que pareço não perceber que a sinergia entre uma tecnologia sem qualquer regulação e uma economia que busca apenas o lucro está a minar o jornalismo. E que isso torna o empreendimento moral num voto piedoso ou em coisa pior, para além de não ser boa sociologia. Não julgo que, na emergente esfera pública global, possamos olhar média e moral fora do mesmo quadro de pensamento.

Lisboa, Setembro de 2012

INTRODUÇÃO
Modelo de propaganda
e limites da autonomia
jornalística

Moralizar foi sempre o maior inimigo da teoria,
especialmente na sociologia.

H. SHELSKY, 1959

A moralização foi sempre o estímulo que fez
progredir a teoria, especialmente na sociologia.

RALPH DAHRENDORF, 2012*

Havia corruptos e havia incorruptíveis. Havia
desordem e havia milagres. Havia homens com a
vontade necessária para revelar tudo isto.

WALTER LIPPMANN, 1922

Tornou-se um lugar-comum dizer que os média se encontram, por natureza, ao serviço do poder dominante. Noam Chomsky contribuiu, poderosamente, para o fortalecimento teórico da ideia. A partir da aplicação de um Modelo de Propaganda (PM, iniciais da expressão em inglês), constituído, no essencial, por um conjunto de filtros condicionadores de uma autonomia plena das redações, o célebre linguista norte-americano e o seu compatriota e também professor (de Economia) Edward S. Herman, sustentam, em *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media* (1988), que os média norte-americanos se encontram ao serviço do poder das grandes corporações e do Estado.

A quase totalidade das (poucas) críticas que o livro recebeu partiu de académicos da área dos estudos de média e de comunicação identificados, globalmente, com a esquerda democrática. Os meios jornalísticos, em geral, ignoraram-no. Um estudo de dez revistas de média e comunicação publicadas na Europa e nos EUA, entre 1988 e 2007, apenas encontrou 79 artigos (em 3053 escrutinados) com menções ao Modelo de Propaganda. Muitas dessas menções consistiam em meras referências na bibliografia.

Esta marginalização, aliás prevista pelos autores e que se terá estendido a currículos de escolas de jornalismo e a cursos de comunicação, acaba por funcionar como um exemplo do estado da

* Data da tradução portuguesa de «Sociologia e Natureza Humana», publicado pela primeira vez em 1963, e que o autor tem incluído como *post scriptum* ao seu *Homo Sociologicus*, escrito em 1958. A citação anterior, de Shelsky, é retirada do mesmo *post scriptum*, p. 130.

academia, dado o facto de o Modelo de Propaganda ser uma das teses mais testadas e mais confirmadas das ciências sociais, critica Andrew Mullen¹.

Uma década após a publicação, Herman sentiu necessidade de visitar a tese do livro, num artigo na *Monthly Review* (1996) em que esgrimiou um argumento principal: as críticas dirigidas à obra haviam feito dela uma leitura errónea, quiçá mal-intencionada. O argumento colhe alguma razão numa característica ainda hoje patente nos que a esta tese se referem mais negativamente: chamam «teorias da conspiração» àquilo que os autores apelidavam, no primeiro capítulo do livro, de «Modelo de Propaganda» ao serviço da ideologia dominante.

Chomsky sim, Chomsky não

O artigo de Herman² explica como ambos se impressionavam há muito pela regularidade com que os média norte-americanos operavam num quadro restrito de pressupostos; dependiam forte e acriticamente de fontes de informação da elite; e participavam em campanhas de propaganda favoráveis aos interesses desta. Apenas factores estruturais lhes pareceram capazes de explicar este comportamento sistemático. Relevaram, deste: a estrutura de propriedade; uma forte dependência quer da publicidade, quer de fontes de informação predominantemente governamentais ou empresariais; a capacidade de dissuasão (retirada de publicidade ou de licenças de televisão, e «outros modos de ataque, directos ou indirectos»); e o anticomunismo (a ideologia dominante quando o livro foi publicado — no ano anterior à queda do Muro de Berlim).

Ligados uns aos outros, estes factores reflectiriam a capacidade das grandes companhias e de entidades governamentais e colectivas (Câmaras de Comércio, *lobbies* da indústria, entre outros)

exercerem o poder sobre o fluxo da informação. Funcionarão, assim, como «filtros através dos quais a informação tem de passar».

Os filtros actuam sobretudo pela acção independente e individual de muitas pessoas e organizações, que «frequentemente, mas não sempre, partilham uma visão comum sobre as coisas e têm interesses similares». Em resumo, «o Modelo de Propaganda descreve um sistema de mercado descentralizado e não conspirativo de controlo e de procedimento, embora por vezes o governo ou um ou mais actores privados possam tomar iniciativas e mobilizar acções coordenadas da elite acerca de um tema».

Há dois pesos e duas medidas na actuação concreta no meio mediático do *mainstream*, acusa Herman, dando como exemplo a forte cobertura crítica sobre a actuação repressiva do governo comunista polaco aquando das greves sindicais do Solidariedade, em 1980, e, mais ou menos na mesma altura, o silêncio acerca da «brutal repressão» do governo militar turco sobre os sindicatos.

Os problemas sindicais dos polacos deixaram de ter noticiabilidade depois da queda do comunismo «e os trabalhadores passaram a lutar contra um regime neoliberal pró-ocidental». Hoje, as dores dos trabalhadores polacos, bem como as dos trabalhadores turcos «já não passam pelos filtros do modelo de propaganda». Os trabalhadores de ambos os países são agora, nesse plano, vítimas não noticiáveis.

O modelo sugere que os média do *mainstream*, «enquanto instituições de elite», enquadram notícias e consentem debates «apenas dentro dos parâmetros dos interesses da elite». Quando a elite «está realmente preocupada e unida e/ou os cidadãos normais não sabem que estão em risco ou estão imobilizados pela propaganda, os média servirão decididamente os interesses da elite».

Herman insiste, porém, que ele e Chomsky nunca defenderam que o modelo explica tudo, ou que mostra a omnipotência dos média, ou uma capacidade efectiva destes para fabricarem o

consenso. Trata-se de um modelo de comportamento e performance dos média, não dos efeitos dos média, adverte. O livro — lembra — apontou explicitamente, por exemplo, os média alternativos, as fontes de informação do cidadão comum, ou o cepticismo dos públicos acerca da veracidade dos média como «importantes limites» à eficácia da propaganda dos média, e apelou a um apoio e a um maior uso destas alternativas. «O poder da propaganda dos EUA reside na sua capacidade para mobilizar um consenso da elite e dar-lhe a aparência de um acordo democrático», criando um estado de confusão e de apatia na população em geral, o que permite à elite prosseguir. Também enfatizamos que há, às vezes, diferenças entre a elite, as quais abrem espaço para algum debate e até para ataques ocasionais (mas muito raros) .

Nesta revisitação ao modelo, Herman rejeita acusações, vindas da esquerda não radical, de que se trata de uma visão determinista e pessimista, e admite que no plano local a imprensa possa ajudar a que se obtenham vitórias, «especialmente quando as elites estiverem divididas ou tiverem um interesse limitado na matéria» em causa. Dá como exemplo a cobertura de assuntos como o controlo de armamento ou o direito ao aborto, bem como «campanhas bem organizadas por organizações laborais, do ambiente ou de direitos humanos», em contraste com o comércio global, ou a política económica.

Numa visão retrospectiva do que pode ter corrido mal, Herman admite que «talvez» devessem ter tornado mais claro que o seu PM se dirigia ao comportamento e performance dos média, com efeitos incertos e variáveis. E que «talvez» devessem ter analisado com maior detalhe as forças de contestação dentro e fora dos média e sob que condições estas podem exercer alguma influência. «Mas apresentámos claramente estes pontos e é bem possível que não pudéssemos ter feito nada que impedisse sermos etiquetados de teóricos da conspiração, deterministas rígidos e negativistas em relação à possibilidade de as pessoas resistirem (mesmo tendo nós apelado à resistência).»

Conclui proclamando que o modelo não só continua a parecer-lhe adequado à compreensão e análise do *mainstream* mediático, como talvez o fosse ainda mais em 1996. «As novas tecnologias só exacerbam o problema. (...) Apesar das novas tecnologias terem um grande potencial para a comunicação democrática, há poucas razões para esperar que a Internet, nas mãos do mercado, sirva fins democráticos.»

Entre as críticas mais certeiras dirigidas aos «filtros» do Modelo de Propaganda, saliento as de Boyd Barrett (2004) e de C. Sparks (2007)³. Este último, em especial, critica a importância esmagadora que Chomsky e Herman dão às elites jornalísticas, ignorando o papel desempenhado nas redacções pela parte, aliás maioritária, da massa de jornalistas, nada ou pouco ligados por laços de dependência/cumplicidade ao governo, gestores/patrões ou fontes. Sparks chama a atenção também para a inadequação do modelo a outros países, dando como exemplo a Europa, onde o quadro político e económico malogra ou pelo menos torna difícil e sempre precário o tipo de consenso que os autores encontram nos EUA entre o jornalismo e os poderes político e económico.

Herman dá vários casos de sucesso do PM, mas é omissos quanto aos falhanços. Entre estes, destaco Timor-Leste. Na altura ocupada pela Indonésia, a antiga colónia portuguesa serviu aos autores para mostrarem como o modelo ocidental de jornalismo funciona, quando necessário, como um modelo de propaganda.

Apesar da pertinência de muitos dos argumentos aduzidos desmontando o prolongado silêncio jornalístico da grande imprensa dos EUA, a realidade mostrou, ainda antes da viragem «pró-timorense» de Washington, já depois da queda de Suharto, em 1998, que o *mainstream* mediático norte-americano se revelou capaz de assumir, de uma forma empenhada, posições críticas em relação à política da administração de apoio à ocupação neocolonial indonésia do território.

Por ironia, de resto, a denúncia internacional do massacre de Santa Cruz, em 1991, esteve a cargo do jornalismo de língua inglesa, representado por dois repórteres norte-americanos, Amy Goodman e Alain Nair (este ao serviço da revista *The New Yorker*), e pelo britânico Max Sthal. Os três lograram transmitir o seu testemunho através de canais do sistema mediático mundial.

Aquilo que era pontual nos grandes meios de comunicação (mundiais e portugueses, diga-se em abono da verdade) tornou-se, a partir daí, comum*. Mas — sugere uma análise retrospectiva — só houve microfones, câmaras, penas atentas, em Santa Cruz, naquele dia 12 de Novembro de 1991, porque antes, já, grupos de congressistas, de senadores, de deputados, de bispos, padres, pastores, e de ONG e cidadãos, organizados ou não, haviam levantado a voz e posto a sua assinatura em conferências, propostas de resolução, apelos, abaixo-assinados, manifestações. E porque, ao mesmo tempo, numa relação que se afigura umas vezes de causa, outras de efeito, a liberdade de expressão permitira que repórteres, colunistas, editorialistas de países e média do *mainstream* nacional e internacional tivessem sido sensíveis a essas ocorrências, as tivessem transformado em notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, e que estes tivessem sido publicados, mostrados, divulgados nos respectivos média.

Em parte não negligenciável, estes artigos, estas notícias, estas reportagens, estas entrevistas e não poucos editoriais contrariavam e punham em causa, até, em simultâneo, a propaganda indonésia e as correntes política, diplomática, militar, económica e jornalística dominantes, a partir de fins de 1975.

* Excessivo, até, em muitas redacções e da parte de muitos jornalistas, que se envolveram de súbito numa cobertura tonitruante e acrítica, tão preconceituosa, desequilibrada e parcial quanto o haviam sido a indiferença e o silêncio anteriores. Ver Nobre-Correia, numa abordagem abrangente e acutilante sobre o «borboletear» dos jornalistas por temas de que só escrevem/falam «de maneira descontínua» e que os faz seguirem (quando não copiarem) os despachos das grandes agências, cuja visão «linear», «sem matizes, nem pluralismo, nem complexidade de vectores» é reforçada «ainda» pela acção de fontes oficiais, militares, empresariais (1996: 199-201).

Nos EUA, na Austrália, em França, em Portugal, a título de exemplo e ao longo de todo o período da ocupação, encontrámos posições críticas nos seguintes meios de comunicação, que na sua esmagadora maioria encaixam, no respectivo contexto nacional, na categoria de potenciais fabricantes do consenso «dentro dos parâmetros dos interesses da elite»: *Herald Tribune*, *New York Times*, *Washington Post*, *Wall Street Journal*, *Philadelphia Inquirer*, revista *Time*, agências Reuters, Associated Press e Lusa, *Sydney Morning Herald*, *The Age*, BBC, Radio Australia, *Expresso*, Grande Reportagem (RTP).

A proposta do «Modelo de Propaganda» ao serviço da ideologia dominante constitui, ao mesmo tempo, um instrumento de análise teórica e um alerta quer para as audiências quer para os profissionais. Os seus limites e vulnerabilidades, contudo, ficam visíveis, a meu ver, nas situações descritas, que ocorreram em regimes democráticos, e noutras, que tiveram por cenário Timor sob ocupação e a própria Indonésia.

Alguns exemplos: iniciativas jornalísticas independentes das revistas indonésias *Tempo* e *Editor*, atraindo a ira da ditadura de Suharto, em 1994; a denúncia continuada, por parte de jornalistas e colunistas australianos, da cumplicidade de sucessivos governos de Camberra com Jacarta, tentando pôr uma pedra de esquecimento sobre execução de cinco repórteres dos canais comerciais 7 e 9, em 16 de Outubro de 1975, quando captavam imagens de forças indonésias a entrarem em Balibó (localidade fronteiriça de Timor, ainda então sob administração portuguesa); e a deslocação clandestina de uma mão-cheia de repórteres que, pondo em risco a sua integridade física, lograram chegar até à guerrilha, e cujos trabalhos foram sendo publicados em jornais, revistas e televisões australianas, britânicas, norte-americanas.

Um exemplo português, por fim, alusivo a um período particularmente significativo do silêncio objectivamente cúmplice

com que as autoridades democráticas procuraram ignorar (e que fosse ignorada pela opinião pública nacional), a luta dos timorenses contra a ocupação: as iniciativas do programa Grande Reportagem, da RTP, no início da década de 1980, de investigar as relações e compromissos entre Lisboa e Jacarta nos meses que se seguiram ao 25 de Abril de 1974; de divulgar o Relatório de Timor, até então mantido em segredo; e de fazer deslocar ao terreno o repórter Rui Araújo.

Uma certa «margem de liberdade»

O sociólogo francês Pierre Bourdieu encontra nas «relações invisíveis» que se estabelecem entre os campos político, das ciências sociais e do jornalismo a melhor forma de explicar o que tendemos a pensar quando vemos televisão, lemos um livro ou um jornal: imputamos tudo o que vemos e lemos a indivíduos, à maligna natureza das instituições, etc.

Os três universos sociais referidos são relativamente autónomos e independentes, mas cada um exerce efeitos sobre os outros, disse o sociólogo francês, numa conferência em Lyon, em Novembro de 1995⁴.

A compreensão daqueles efeitos só pode ser verdadeiramente alcançada «através de uma análise de algumas estruturas particularmente invisíveis, nomeadamente as relações entre estes três campos». Em termos simples, avança Bourdieu de forma algo tautológica, «campo é um campo de forças dentro do qual os agentes ocupam posições que estatisticamente determinam as posições que ocupam no campo, procurando estas ocupações de posição conservar ou transformar a estrutura das relações de força que constitui o campo». Para o sociólogo, «pensar em termos de campo [ou de esferas — de produção política,

económica, religiosa, cultural] é pensar relacionalmente. (...) Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objectivas entre posições [dentro do campo e do campo com outros campos]*.

O autor constrói um exemplo do que pretende dizer, imaginando a interacção que se estabelece no ar, durante uma noite eleitoral, entre um historiador — por exemplo, director do Instituto de Estudos Políticos de Paris — e um jornalista.

Quando o historiador se dirige ao jornalista (...) é um historiador que ocupa uma determinada posição no campo das ciências sociais que fala para um jornalista que ocupa uma determinada posição no campo jornalístico, e em último caso, até, são as ciências sociais a falarem para o campo jornalístico. E as propriedades desta interacção (...) expressam a estrutura da relação entre o campo jornalístico e o campo das ciências sociais.

PIERRE BOURDIEU, 2005 [1995]: 31

A questão que se coloca é a de saber qual o grau de autonomia do campo. Por exemplo, entre os três mencionados, diz Bourdieu, o campo jornalístico é caracterizado por um alto grau de heteronomia, sobretudo se comparado com o campo das matemáticas. Trata-se de um «campo autónomo fraco», mas, apesar desse grau de fraqueza, esta autonomia implica que não se possa entender o que

* A abordagem que faço da autonomia jornalística, mesmo quando ousa questioná-lo, desenvolve-se a partir deste poderoso modelo analítico de Bourdieu e das fontes de relançamento teórico que lhe encontrei, para este trabalho, em Patrick Champagne, Erik Neveu, Michael Schudson e Daniel C. Hallin. David M. Ryfe inspira-se também nele para uma etnografia de três redacções de jornais locais norte-americanos, dada a conhecer já em 2012. A actualidade e riqueza da sua abordagem (objecto de vários inserts neste trabalho) reside na tese de que, terminado às mãos da Internet o «ciclo» dos média noticiosos controlados por um grupo profissional, a produção de informação fora daquilo a que antes se chamava «jornalismo» está a diluir fronteiras. Porque o jornalismo, pura e simplesmente, «perde coerência como um campo social distintivo».

se passa nele com base simplesmente no conhecimento do mundo que o rodeia. Exemplifica uma vez mais:

Para entender o que se passa no jornalismo não é suficiente conhecer quem financia as publicações, quem são os anunciantes, quem paga a publicidade, donde vêm os subsídios, etc. Parte do que é produzido no mundo do jornalismo não pode ser entendido sem que se conceptualize este microcosmo enquanto tal e se procure entender os efeitos que as pessoas envolvidas no microcosmo exercem umas sobre as outras.

PIERRE BOURDIEU, *idem*: 33

Existe aqui, pois, uma «margem de liberdade». Nem sempre garantida, uma vez que os campos, na noção de Bourdieu, mudam em resultado de um processo de luta entre os agentes nele posicionados, o que pode implicar a conquista de uma maior ou de uma menor autonomia. Trata-se, para usar os termos em que Daniel Hallin coloca o problema, de um «incerto e modificável processo», no qual «partes do campo jornalístico (...) ganham, por vezes, relativa autonomia em relação a outros campos, outras a perdem de novo ou, por vezes, a ganham num sentido e a perdem, simultaneamente, noutro»⁵.

Os actores possuem agência. Noutras palavras, os actores engajam-se de forma activa na produção e reprodução da rotina. No entanto, é só quando os actores investem pessoalmente nos moldes conceptuais representados pelas rotinas diárias que estas rotinas se transformam em estruturas. Dito noutros termos: é o investimento em códigos culturais da vida social que emprega a determinados moldes simbólicos a sua força estrutural.

Díficeis de amar, mas díficeis de evitar pela democracia

Apesar das quase generalizadas críticas a Chomsky, a visão tradicional — a ainda imperante à esquerda e à direita, quer na percepção pública, quer no mundo académico⁶ — olha os princípios do profissionalismo jornalístico como causadores de uma cobertura noticiosa que não ameaça nem a posição económica da organização jornalística, nem o sistema político-económico global, no qual a organização jornalística opera.

A articulação destes interesses não releva, muitas vezes, da intenção de quem os produz, mas é «consequência» da sua condição e função, sustenta Stuart Hall. Não se trata, pois, de «rudes agentes de propaganda». Mas há que ter consciência de que as interpretações globais que proporcionam, a longo prazo, são as preferidas, porque menos desafiadoras, por quem detém o poder económico.

Resume Hall, num texto lapidar sobre a complexidade do processo de produção da notícia:

As pressões práticas de trabalho contra-relógio e as exigências profissionais de imparcialidade e objectividade combinam-se para produzir um *exagerado acesso* sistematicamente estruturado aos média por parte dos que detêm posições institucionalizadas privilegiadas. Deste modo, os média tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade.

STUART HALL *et al.*, 1999: 229

John Soloski será portador de uma visão mais matizada. Embora capaz de fornecer aos jornalistas uma base de poder independente que, em caso de necessidade, pode voltar-se contra a direcção, a interacção entre o mecanismo de controlo transorganizacional por ele representado e os mecanismos de controlo representados

- va para nele expor «algumas ideias para moralizar o capitalismo» (*Le Figaro*, 28.01.2009).
- 97 Jean-Christophe Rufin, «Wikileaks ou la troisième révolte», *Le Monde*, 20.12.2010.
- 98 Stiegler, 2008: 223; 2009a e 2009b.
- 99 *Idem*, 2010: 16.
- 100 Platão (s.d.): 127.
- 101 Stiegler, 2010: 16.

Bibliografia

- AASLAMA, Minna e NORDSENSTRENG, Kaarle (2010), «Quando as estruturas mudam, os conteúdos mantêm-se: as notícias televisivas na Finlândia dos anos 2000», em Joel Frederico da Silveira e Pamela Shoemaker, *Telejornais em Exame*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa, pp. 313-330.
- ANDERSON, Peter J. e WARD, Geoff (ed.) (2007), *The Future of Journalism in the Advanced Democracies*, Hampshire, Ashgate Publishing.
- ARAÚJO, Vera, *et al.* (2009), «O jornalista na sociedade em rede: de *gatekeeper* a *gatewatcher*», em Gustavo Cardoso *et al.* (2009), *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede*, Porto, Porto Editora, pp. 69-75.
- ARENDT, Hannah (2001 [1961]), *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio d'Água.
- BAGDIKIAN, Ben H. (2004), *The New Media Monopoly (A completely revised and updated edition with seven new chapters)*, Boston, Beacon Press.
- BARRETO, António (2007), «Prólogo», em Vasco Hogan Teves, *RTP 50 Anos de História*, Lisboa, Rádio e Televisão de Portugal, pp. 8-18.
- BECKER, Beatriz (2005), *A Linguagem do Telejornal. Um Estudo da Cobertura dos 450 anos do Descobrimento do Brasil*, Rio de Janeiro, E-Papers Serviços Editoriais.
- BENSON, Rodney e NEVEU, Erik (2005) (eds.) *Bourdieu and the Journalistic Field*, Cambridge, Malden, MA, Polity Press.
- BERTRAND, Claude-Jean (2002), *A Deontologia dos Media*, Coimbra, Minerva Coimbra.
- BIRD, S. Elizabeth e DARDENNE, Robert W. (1999 [1988]), «Mito, registo e 'estórias': Explorando as qualidades narrativas das notícias», em Nelson Traquina (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega.
- BOORSTIN, Daniel J. (1992 [1961]), *Image: A Guide to Pseudo-Events in America*, Nova Iorque, Vintage Books Edition.
- BORGA, Cesário (2008), *A Terceira Era da Televisão*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, Lisboa, ISCTE.
- BOURDIEU, Pierre (2005 [1995]), «The political field, the social science field, and the journalistic field», em Rodney Benson e Eric Neveu, *Bourdieu and the Journalistic Field*, Malden, MA, Polity Press, pp. 29-47.

- (2004a), *Para Uma Sociologia da Ciência*, Lisboa, Edições 70.
- (1998), *Contre-feux*, Paris, Éditions Liber – Raisons d’Agir.
- (1997), *Sobre a Televisão*, Oeiras, Celta.
- BRANDÃO, Nuno Goulart (2010), *As Notícias nos Telejornais. Que Serviço público para o Século XXI?*, Lisboa: Guerra & Paz.
- (2005), *Os Telejornais da Televisão Generalista Portuguesa. Importantes Encontros Quotidianos com a Atualidade e para a Construção Social da Realidade*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.
- BREED, Warren (1999 [1955]), «Controlo social na redacção: Uma análise funcional», em Nelson Traquina (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega, pp. 152-166.
- BRUNS, Axel (2005a), *Gatewatching: Collaborative Online News Production*, Nova Iorque, Peter Lang.
- CÁDIMA, Francisco Rui (2010), «O caso português ou os desencontros da informação televisiva com a cidadania», em Joel Frederico da Silveira e Pamela Shoemaker, *Telejornais em Exame*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa, 2010, pp. 331-348.
- (2009), *Crise e Crítica do Sistema de Média*, Odivelas, Editora Média XXI.
- (2006), *A Televisão Light Rumo ao Digital*, Lisboa, Formalpress e Marketing, Lda.
- (1996), *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença.
- CARDOSO, Gustavo e NETO, Pedro (2003), «O movimento por Timor, *Mass media* e protestos *online*», em José Rebelo, *Novas Formas de Mobilização Popular*, Porto, Campo das Letras.
- CARDOSO, Gustavo e TELO, Décio (2010), «Os Telejornais da RTP1: Contextualização histórica, modelos e análise do horário nobre», em Joel Francisco da Silveira e Pamela Shoemaker, *Telejornais em Exame*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa, pp. 57-62.
- CARDOSO, Gustavo, ESPANHA, Rita e ARAÚJO, Vera (2009) (orgs.), *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede*, Porto, Porto Editora.
- CASCAIS, Fernando (2001), *Dicionário de Jornalismo: as Palavras dos Média*, Lisboa, Editorial Verbo.
- CHAMPAGNE, Patrick (2005 [1995]), «The double dependency: The journalistic field between politics and markets», em Rodney Benson & Erik Neveu (ed.), *Bourdieu and the Journalistic Field*, Cambridge, Polity Press, pp. 46-63.
- CHOMSKY, N. e HERMAN, E. S. (1988), *Manufacturing Consent. The Political Economy of Mass Media*, Nova Iorque, Pantheon Books.
- COELHO, Eduardo Prado (1996), «Que farei com esta televisão?», em Francisco Louçã e João Paulo Cotrim (coord.), *Papéis 97*, Lisboa, Combate, pp. 39-52.
- COELHO, Pedro (2005), *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*, Lisboa, Livros Horizonte.
- CORREIA, Fernando (2009), «Crise de identidade profissional e emergência de um novo paradigma», em José Luís Garcia (org.), *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses*, Lisboa, ICS, pp. 213-225.
- CRISSELL, A (1986), *Understanding Radio*, Londres, Methuen, p. 85.
- CRUZ, Carla (2008), *A Telerealidade. Uma Abordagem Hermenêutica da Construção Social da Realidade pela Informação Televisiva de Atualidade*, Lisboa, ISCSP.
- CUNNINGHAM, Stuart e MILLER, Toby (1994), *Contemporary Australian Television*, Sidney, University of New South Wales Press (capítulo 3, «The Spectacle of Sport»).
- CURRAN, James (2010), «Technology Foretold», em Natalie Fenton, *New Media, Old News*, Londres, Sage, pp. 19-34.
- DAHRENDORF, Raph (2012 [1963]), «Sociologia e natureza humana», *postscriptum a Homo Sociologicus*. Lisboa, Quetzal, pp. 130-1.
- DEBRAY, Régis (1995), *Vie et mort de l’image. Une histoire du regard en Occident*, Paris, Gallimard.
- DEVOS, Lydia (1997), *A Balada do Zapping. Percepcionar*, Mem Martins, Editorial Inquérito.
- DEWALT, Kathleen M. e DEWALT, Billie R. (2002), *Participant Observation. A Guide for Fieldworkers*, Oxford, AltaMira Press.
- DÖPFNER, Mathias (2006), «The future of journalism». Disponível em: <http://www.signandsight.com/service/756.html>.
- ELLIS, John (2010), «Scheduling: the last creative act in television?», *Media, Culture & Society*, Janeiro de 2000, vol. 22, n.º 1, pp. 25-38.
- ESTEVES, João Pissarra (2002) (org.), *Comunicação e Sociedade. Os Efeitos Sociais dos Meios de Comunicação de Massa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- FELTON, Natalie (ed.) (2010), *New Media, Old News*, Londres, Sage.
- FLEMING, Carole (2002), *The Radio Handbook*, Londres, Routledge, pp. 104-5.
- FIDALGO, Joaquim (2008a), *O Jornalista em Construção*, Porto, Porto Editora.
- (2008b), «Novos desafios a um velho ofício ou... um novo ofício? A redefinição da profissão de jornalista», em Manuel Pinto e Sandra Marinho (org.), *Os Média em Portugal nos Primeiros Cinco Anos do Século XXI*, Porto, Campo das Letras Editores, pp. 109-128.
- FIGUEIRA, João (2009), *Jornalismo em Liberdade*, Coimbra, Almedina.
- FILHO, Willy (2008), *Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português (2004-2006)*, Lisboa, Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).
- FLEMING, Carole (1984), *The Radio Handbook*, Londres, Routledge.
- FOGEL, Jean-François e PATINO, Bruno (2007 [2005]), *Une presse sans Gutenberg*, Paris, Éditions Points.
- FULLER, Jack (2010), *What is Happening to News. The Information Explosion and the Crisis in Journalism*, Londres, The University of Chicago Press.

- GANS, Herbert J. (2003), *Democracy and the News*, Oxford, Oxford University Press.
- (1979), *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek & Time*, Nova Iorque, Pantheon Books.
- GARCIA, José Luís (2009) (org.), *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses. Metamorfoses e Encruzilhadas no Limiar do Século XXI*, Lisboa, ICS.
- GARVEY, E., Daniel e RIVERS, William L. (1987), *L'Information Radiotélévisée. Principes. Exemples. Applications*, Bruxelas, De Boeck.
- GIDDENS, Anthony (2005 [2000]), *O Mundo na Era da Globalização*, Barcarena, Editorial Presença.
- GILLMOR, Dan (2005), *Nós, os Média*, Barcarena, Editorial Presença.
- GODINHO, Jacinto (2009), *As Origens da Reportagem – Imprensa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- (2005), «Genealogias da reportagem – do conceito de reportagem ao caso Grande Reportagem, programa da RTP (1981-1984)», Dissertação de Doutoramento em Ciências da Comunicação pela FCSH-UNL.
- GOFFMAN, Erving (1959), *The Presentation of Self in Everyday Life*, Nova Iorque, Anchor Books.
- GOULD, Terry (2012 [2009]), *Assassinaram Um Jornalista. Morrer por Uma História nos Locais mais Perigosos do Mundo*, Lisboa, Planeta Manuscrito.
- HALL, Stuart et al. (1999), «A produção social das notícias: o 'mugging' nos media» em Nelson Traquina (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega, pp. 224-248.
- HALLIN, D. (2005), «Field theory, differentiation theory, and comparative media research», em Rodney Benson e Erik Neveu (2005) (eds.), *Bourdieu and the Journalistic Field*, Cambridge, Malden, MA, Polity Press, pp. 224-243.
- (2000), «Commercialism and professionalism in the American news media», em J. Curran and M. Gurevitch (ed.), *Mass Media and Society*, Londres, Hodder Arnold, pp. 218-237.
- JULIEN, Claude (1979), *Le devoir d'irrespect*, Paris, Éditions Alain Moreau.
- KAPUSCINSKI, Ryszard (2008), *Os Cínicos não Servem para Este Ofício: Conversas sobre o Bom Jornalismo*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom (2010), *Blur: How to Know What's True in the Age of Information Overload*, Nova Iorque, Bloombury.
- (2007), *The Elements of Journalism. What Newspeople Should Know and the Public Should Expect* («completely updated and revised»), Nova Iorque, Three Rivers Press.
- (2001), *The Elements of Journalism. What Newspeople Should Know and the Public Should Expect*, Nova Iorque, Nova Iorque, Crown Publishers.
- LEE-WRIGHT, Peter (2010), «Culture shock: new media and organizational change in the BBC», em Natalie Fenton (ed.), *New Media, Old News*, Londres, Sage, pp. 71-86.
- LIPPMANN, Walter (1997 [1922]), *Public Opinion*, Nova Iorque, Free Press Paperbacks.
- LIVINGSTONE, Sonia (2005), «Critical debates in Internet studies: Reflections on an emerging field», em James Curran & Michael Gurevitch (ed.), *Mass Media and Society*, Londres, Hodder Arnold, pp. 9-28.
- LOPES, Felisbela (1999), *O Telejornal e o Serviço Público*, Coimbra, Livraria Minerva Editora.
- MANCINI, Paolo e MAZZONI (2010), «Os Telejornais em Itália», em Joel Francisco da Silveira e Pamela Shoemaker, *Telejornais em Exame*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa, pp. 271-291.
- MANDER, Jerry (1999), *Quatro Argumentos para Acabar com a Televisão*, Lisboa, Edições Antígona.
- MARC, D. (1996), «What was broadcasting», em *Demographic Vistas. Television in American Culture*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press. Disponível em <http://web.mit.edu/21L.432/www/readings/Broadcasting.pdf>.
- MCCHESNEY, Robert W. e NICHOLS, John (2010), *The Death and Life of American Journalism. The Media Revolution that Will Begin the World Again*, Filadélfia, Nation Books.
- MCQUAIL, Denis (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MCQUAIL, Denis e WINDAL, Sven (2003 [1993]), *Modelos de Comunicação – Para o Estudo da Comunicação de Massas*, Lisboa, Editorial Notícias.
- MERCIER, Arnaud (1996), *Le journal télévisé. Politique de l'information et information politique*, Paris, Presses de Sciences Po.
- MESQUITA, Mário (2004, 2.ª edição revista), *O Quarto Equívoco – O Poder dos Média na Sociedade Contemporânea*, Coimbra, Minerva Coimbra.
- MISSIKA, Jean-Louis (2006), *La fin de la télévision*, Paris, Seuil.
- MUZET, Denis (2006), *La mal info. Enquête sur les consommateurs de médias*, Éditions de l'Aube.
- NAGEL, Thomas (1986), *The View From Nowhere*, Oxford, Oxford University Press.
- NOBRE-CORREIA, José Manuel (1996), *A Cidade dos Média*, Porto, Campo das Letras Editores.
- NOSTY, Díaz B. (2005), *El déficit mediático: Donde España no Converge com Europa*, Barcelona, Bosch.
- OKRENT, Daniel (2008), *O Provedor. Seleção de Crónicas, Textos, e até Algumas Retratações do Provedor dos Leitores do New York Times*, Lisboa, Edições 70.
- OLIVEIRA, José Manuel Paquete de, CARDOSO, Gustavo Leitão e BARREIROS, José Jorge (2004) (org.), *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*, Quimera Editores.
- OLIVEIRA, José Manuel Paquete de (2004), «A Internet na construção de uma cidadania participada», em José Manuel Paquete de Oliveira, Gustavo Leitão

- Cardoso e José Jorge Barreiros (org.), *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*, Quimera Editores, pp. 75-105.
- PAIS, José Machado (2002, 2.ª edição) *Sociologia da Vida Quotidiana. Teorias, Métodos e Estudos de Caso*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- PARK, Robert E. (2002), «As notícias como uma forma de conhecimento: um capítulo na sociologia do conhecimento», em João Pisarra Esteves (org.), *Comunicação e Sociedade. Os Efeitos Sociais dos Meios de Comunicação de Massa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 35-48.
- PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu (2000), *Decidindo o Que é Notícia. Os Bastidores do Telejornalismo*, Porto Alegre, EDIPUCRS.
- PERETZ, Henri (2000), *Métodos em Sociologia*, Lisboa, Temas e Debates.
- PHILLIPS, Angela (2010), «Old sources, new bottles», em Natalie Fenton (2010), *New Media, Old News*, Londres, Sage, pp. 95-7.
- PHILLIPS, Angela et al. (2010), «An ethical deficit? accountability, norms, and material conditions of contemporary journalism», em Natalie Fenton (2010), *New Media, Old News*, Londres, Sage, pp. 59-63.
- POULET, Bernard (2009), *La fin des journaux et l'avenir de l'information*, Paris, Éditions Gallimard.
- PROULX, Serge e MILLERAND, Florence (2010), «Le Web Social: au carrefour de multiples questionnements», em Florence Millerand, Serge Proulx e Julien Rueff (dir.), *Web social. Mutation de la Communication*, Québec, Presses de l'Université du Québec, pp. 13-30.
- REBELO, José et al. (coord.) (2011), *Ser Jornalista em Portugal. Perfis Sociológicos*, Lisboa, Gradiva.
- (coord.) (2008), *Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social*, ERC.
- RIEFFEL, Rémy (2003), *Sociologia dos Media*, Porto, Porto Editora.
- RYFE, David M. (2012), *Can Journalism Survive? An Inside Look at American Newsrooms*, Cambridge, Polity Press.
- ROSENBERG, Howard e FELDMAN, Charles (2008), *No Time to Think. The Menace of Media Speed and the 24-hour News Cycle*, Nova Iorque, Continuum.
- SANTOS, Rogério (2010), *Do Jornalismo aos Media. Estudos sobre a Realidade Portuguesa*, Lisboa, Universidade Católica Editora.
- (1997), *A Negociação entre Jornalistas e Fontes*, Coimbra, Minerva.
- SCHLESINGER, Philip (1999 [1977]), «Os jornalistas e a sua máquina do tempo», em Nelson Traquina (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega, pp. 177-190.
- SCHUDSON, Michael (2003), *The Sociology of News*, Nova Iorque, W.W. Norton & Company.
- (2003), *The Sociology of News*, Nova Iorque, W.W. Norton & Company.
- (1995), *The Power of News*, Cambridge, Harvard University Press.
- SERRANO, Estrela (2010), «A campanha eleitoral de 2001 na televisão revisitada: análise comparada do serviço público e dos canais privados», em Nelson Traquina (org.), *Do Chumbo à Era Digital. 13 Leituras do Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 165-184.
- (2006), *Jornalismo Político em Portugal. A Cobertura de Eleições Presidenciais na Imprensa e na Televisão (1976-2001)*, Lisboa, Edições Colibri / Instituto Politécnico de Lisboa.
- SHOEMAKER, Pamela (2010), «Uma teoria sobre as notícias», em Joel Frederico da Silveira e Pamela Shoemaker, *Telejornais em Exame*, Lisboa, Edições Colibri/ Instituto Politécnico de Lisboa, pp. 23-38.
- SILVEIRA, Joel Frederico da e SHOEMAKER, Pamela (2010), *Telejornais em exame*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa.
- SILVERSTONE, Roger (2007), *Media and Morality: On the rise of the mediapolis*, Cambridge, Polity Press.
- (2004), «Porquê estudar os media? O 11 de Setembro e a ética da distância», em Oliveira, José Manuel Paquete de, Gustavo Leitão Cardoso e José Jorge Barreiros (org.), *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*, Quimera Editores, pp. 247-260.
- (1999), *Why Study the Media?*, Londres, Sage Publications [tradução brasileira: *Por Que Estudar a Mídia*, São Paulo, Edições Loyola, 2002].
- (1994), *Television and Everyday Life*, Londres, Routledge.
- SIMMEL Georg (1971 [1908]), «The stranger», em Levine, Donald E. (ed.), *Georg Simmel on individuality and Social Forms*, Chicago, IL, Chicago University Press, pp. 143-9.
- SOLOSKI, John (1999 [1989]), «O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico», em Nelson Traquina (1999) (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega, pp. 91-100.
- STIEGLER, Bernard (2010), *Ce qui fait que la vie vaut la peine d'être vécue. De la pharmacologie*, Paris, Flammarion.
- (2008), *La télécratie contre la démocratie*, Paris, Flammarion.
- SUBTIL, Filipa (2009), «Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990», em José Luís Garcia, *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses. Metamorfozes e Encruzilhadas no Limiar do Século XXI*, Lisboa, ICS.
- THUSSU, Daya Kishan (2007), *News as Entertainment. The Rise of Global Infotainment*, Londres, SAGE Publications.
- TORRES, Eduardo Cintra (2006), «Multidões e Audiências», em José Carlos Abrantes e Daniel Dayan (org.), *Televisão: das Audiências aos Públicos*, Viseu, Livros Horizonte, pp. 73-84.
- TRAQUINA, Nelson (2010) (org.), *Do Chumbo à Era Digital. 13 Leituras do Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

- (2007, 2.^a edição), *Jornalismo*, Quimera Editores
- (2004), *A Tribo Jornalística – Uma Comunidade Transnacional*, Lisboa, Editorial Notícias.
- (1999, 2.^a ed.) (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega.
- TUCHMAN, Gaye (1978), *Making News. A Study in the Construction of Reality*, Nova Iorque, The Free Press;
- (1973), «Making news by doing work: Rotinizing the unexpected», em Berkowitz, Dan (1997), *Social Meaning of News. A Text Reader*, Londres, Sage Publications, pp. 183-188.
- VERDÚ, Vicente (2003), *El estilo del mundo. La vida en el capitalismo de ficción*, Barcelona, Anagrama.
- VENTURA, Isabel (2012), *As Primeiras Mulheres Repórteres*, Lisboa, Edições tinta-da-china.
- VIRILIO, Paul (2000), *Cibermundo: A Política do Pior*, Lisboa, Editorial Teorema.
- VIZEU, Alfredo (2005), *O Lado Oculto do Telejornalismo*, Florianópolis, Calandra.
- WEAVER, Paul H. (1999), «As notícias de jornal e as notícias de televisão», em Traquina, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*, Lisboa, Vega, pp. 294-305.
- WEBER, Max (2001 [1905]), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Lisboa, Editorial Presença.
- WESTIN, Av (1982), *News Watch. How TV Decides the News*, Nova Iorque, Simon and Schuster.
- WOLF, Mauro (2009 [1987]), *Teorias da Comunicação*, Queluz de Baixo, Presença.
- WOODROW, Alain (1991), *Informação, Manipulação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, tradução, notas, anexos, recolha de depoimentos e adaptação de José Manuel Barata-Feyo.

Artigos em publicações periódicas, conferências, fontes digitais

- BARZILAI-NAHON, Katerine (2008), «Toward a theory of network gatekeeping: A framework for exploring information control», *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 59 (9), pp. 1493-1512.
- BECKER, Beatriz e BUSTAMANTE, Celeste González de (2009), «The past and the future of Brazilian television news», *Journalism*, 10 (1) 45-68, SAGE, disponível em <http://jou.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/1/45>.
- BIRD, S. Elizabeth (2009), «The future of journalism in the digital environment», *Journalism*, 10 (3), pp. 293-295, SAGE Publications, disponível em <http://jou.sagepub.com>.

- BOURDIEU, Pierre (2003), «L'objectivation participante», *Actes de la recherche en sciences sociales*, 9-2 Seuil, pp. 281-294. Discurso proferido em 06.12.2000 na outorga da Huxley Medal no Royal Anthropological Institute of London.
- (1994), «L'emprise du journalisme», *Actes de la recherche en sciences sociales*, (101-102), pp. 3-9. Disponível em: http://www.sage-ereference.com/hdb_médias-tudy/Article_n7.html.
- BOYD-BARRETT, Oliver (2004) «Judith Miller. The New York Times and the Propaganda Model», *Journalism Studies* 5 (4):435-449, disponível em http://dl.franko.lviv.ua/medialiteracy/judith_miller.pdf.
- BRUNO, Nicola (2011), «Tweet first, verify later? How real-time information is changing the coverage of worldwide crisis events», *Reuters Institute Fellowship Paper*, University of Oxford, disponível em http://nicolabruno.files.wordpress.com/2011/05/tweet_first_verify_later2.pdf.
- BRUNS, Axel (2005b), «Some exploratory notes on producer and produsage», disponível em <http://snurb.info/index.php?9=node/329>.
- BURGUEÑO, José Manuel (2011), «La metamorfosis de la prensa. Hacia un nuevo modelo periodístico», *Telos*, 86, disponível em http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/seccion=1266&idioma=es_ES&id=2011012608400001&activo=6.do.
- CÁDIMA, Rui (2010), «Televisão, cidadania e 'história única'. Uma análise da bibliografia portuguesa sobre o jornalismo televisivo em português», *Media & Jornalismo*, (17) 9 (2), pp. 95-117.
- (2007), «RTP, ano 50». Disponível em: <http://irrealtv.blogspot.com/2007/03/rtp-ano-50.html>.
- (2005), «Proto e pós-televisão. Adorno, Bourdieu e os outros – ou na pista da 'qualimetria'», *Revista de Comunicação e Linguagens*, 32, pp. 157-165.
- CANU, Roland e DATCHARYN Caroline (2010), «Journalistes et lecteurs-contributeurs sur mediapart: des roles négociés», *Réseaux*, 2-3 (160-161), pp. 195-223.
- CHAMPAGNE, Patrick (2003), «Journalisme de guerre, journalisme de paix», entrevista em *L'Humanité*, 28.04.2003, disponível em <http://www.acrimed.org/article1047.html>.
- COLEMAN, Stephen, SCOTT, Anthony and MORRISON, David E. (2009), «Public trust in the news. A constructivist study of social life of the news», *Challenges*, Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, disponível em <http://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/publications/risj-challenges/>.
- CORREIA, João Carlos (2010), «Governos e media: O triunfo da mediatização política e a autonomia do jornalismo», *Media & Jornalismo*, (17) 9 (2), pp. 145-155.
- CURRAN, James (2010), «Democratic value of entertainment: a reappraisal», *Media & Jornalismo*, (17) 9 (2), pp. 69-85.

- DEUZE, Mark (2009), «The people formerly known as the employers», *Journalism*, 10; pp. 315-318, SAGE Publications, disponível em <http://jou.sagepub.com>.
- (2005), «What is journalism?: Professional identity and ideology of journalists reconsidered», *Journalism*, 6 (4), pp. 442-464.
- DINES, Alberto, «A revolução informativa», editorial do *Observatório da Imprensa* na TV, (510), exibido em 07.07.2009. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br.
- DÖPFNER, Mathias (2006), «The future of journalism». Disponível em: <http://www.signandsight.com/service/756.html>.
- DOWNTON, Leonard Jr. e SCHUDSON, Michael (2009), «The reconstruction of journalism», *Columbia Journalism Review* (Nov/Dec), pp. 28-51, disponível em http://www.cjr.org/reconstruction/the_reconstruction_of_american.php?=all
- EKSTRÖM, Mats (2000), «Information, storytelling and attractions: TV journalism in the three modes of communication», *Media, Culture & Society*, 22 (4), pp. 465-492.
- ELERT, Glenn (1992), «Television and the presidency: How the news affects our perceptions», disponível em: <http://hypertextbook.com/eworld/president.shtml>.
- FENTON, Natalie (2010), «New media journalism and democracy. Figments of a neo-liberal imagination?», *Media & Jornalismo*, (17) 9 (2), pp. 41-52.
- FIGEAC, Julien (2007), «La configuration des pratiques d'information selon la logique des situations», em Patrice Flichy e Frédéric Moatty (coord.) «SociéTIC», *Réseaux*, 143, pp. 17-44, UMLV/Lavoisier.
- GANS, Herbert J. (2011), «Multiperspectival news revisited: Journalism and representative democracy», *Journalism*, 12 (1), pp. 3-13.
- GARCÍA, Xosé López (2011), «Construyendo las nuevas formas de informar en la sociedad. Las mudanzas periodísticas», *Telos*, 86, disponível em http://sociadainformacion.fundacion.telefonica.com/seccion=1266&idioma=es_ES&id=2011012511370001&activo=6.do.
- GIDDENS, A. (1999), «DNW interview with Anthony Giddens». Disponível em: http://www.vpro.nl/programma/dnw/download/Interview_Giddens.html.
- GITLIN, Todd (2009), «Journalism many crises», *Open Democracy*, 25.5.2009. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/article/a-surfeit-of-crises-circulation-revenue-attention-authority-and-deference>.
- GOMES, Adelino (2009), «Duas ou três coisas que vamos sabendo dela ou por que é que o jornalismo (não) pode desaparecer», *Trajectos*, 15, pp. 47-55.
- (1986), «Intervenção em nome da comissão organizadora», Deontologia, Conclusões e Documentos, 2.º Congresso dos Jornalistas Portugueses, Lisboa, Secretariado da Comissão Executiva do II Congresso dos Jornalistas Portugueses, pp. 13-21.
- GIULIANOTTI, Richard e ROBERTSON, Roland (2012), «Mapping the global football field: a sociological model of transnational forces within the world game», *The British Journal of Sociology*, 2012, Vol. 63, Issue 2, pp. 216-40.
- HALLIN, Daniel C. (2009), «Not the end of journalism history», *Journalism*, 10 (3), pp. 332-34.
- (1992), «Sound bite news: television coverage of elections 1968-1988», *Journal of Communication* 42(2), pp. 5-24.
- HERMAN, E. S. (1996), «The propaganda model revisited», *Monthly Review*. Disponível em: <http://www.chomsky.info/onchomsky/199607-.htm>.
- HORROCKS, Peter (2009), «The end of fortress journalism», no blogue The Editors, disponível em http://www.bbc.co.uk/blogs/theeditors/2009/07/the_end_of_fortress_journalism.html.
- JENSEN, Eric (2010), «Between credulity and scepticism: envisaging the fourth estate in 21st-century science journalism», *Media, Culture & Society*, 32 (4), pp. 615-630.
- KALEHOFF, Max (2009), «The golden age of journalism never was», disponível em http://www.mediapost.com/publications/?fa=Articles.showArticle&article_id=106157.
- KATZ, Elihu (2009), «The end of television», *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 625, pp. 6-18, SAGE Publications, disponível em <http://ann.sagepub.com>.
- KNUDSEN, Britta Timm (2003), «The eyewitness and the affected viewer. September 11 in the media», *Nordic Review*, 24 (2) Nordicom: Göteborgs Universitet, pp 117-127, disponível em http://www.nordicom.gu.se/common/publ_pdf/32_117-126.pdf.
- LOPES, Felisbela, Manuel Pinto, Madalena Oliveira e Helena Sousa (2009), «A notícia de abertura do TJ ao longo de 50 anos (1959-2009)», *Sociedade e Comunicação*, (15), Braga, Centro de Estudos de Comunicação da Universidade do Minho: Húmus, pp.103-126.
- LOTZ, Amanda D. (2009), «What is U.S. television now?», *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 625, pp. 49-59.
- MAGUIRE, Joseph (2004), «Pontos e questões chave do complexo desporto-media globais», *Media & Jornalismo* (4) 2004, pp. 7-26.
- MCNAIR, Brian (2009), «Journalism in the 21st century evolution, not extinction», *Journalism* 10 (3), pp. 347-349, SAGE Publications, disponível em www://sagepub.com.
- MESQUITA, Mário (1994), «A educação para o jornalismo – uma perspectiva sobre Portugal», *Intercom*, XXII (2), p. 82.
- MESQUITA, Mário e PONTE, Cristina, *Situação do Ensino e da Formação Profissional na área do jornalismo (1996-7)*, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-ComI.html>.

- MOYERS, Bill (2004), discurso de despedida do jornalismo activo, proferido em 11.9.2004 perante a Society of Professional Journalists, disponível em http://www.tompaine.com/articles/journalism_under_fire.php.
- MULLEN, Andrew (2010), «Twenty years on: the second-order prediction on the Herman-Chomsky Propaganda Model», *Media, Culture & Society*, 32 (4), pp. 673-690.
- NAPOLI, Philip M. (2010), «Revisiting ‘mass communication’ and the ‘work’ of the audience in the new media environment», *Media, Culture & Society*, 32 (3), pp. 505-516. Disponível em: http://www.sage-ereference.com/hdbk_medias-tudy/Article_n17.html.
- NORDENSON, Bree (2008), «Overload! Journalism’s battle for relevance in an age of too much information», *CJR* (número de Novembro/Dez).
- OBERCOM (2010), «Desafios do jornalismo». Disponível em: http://www.OberCom.pt/client/?newsId=428&fileName=desafios_do_jornalismo.pdf.
- OBERCOM (2009, Maio), «A sociedade em rede em Portugal 2008. A experiência televisiva na sociedade em rede». Disponível em: http://OberCom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr3_sr_2008.pdf.
- OBERCOM Research Report (Novembro 2006), «Estratégias de sucesso na ficção TV nacional: Estudo de caso das ‘telenovelas juvenis’». Disponível em: <http://www.OberCom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr2.pdf>.
- OLIVEIRA, José Manuel Paquete de (2009), Relatório do Provedor do Telespectador, disponível em www.rtp.pt.
- (2008), Relatório do Provedor do Telespectador, disponível em www.rtp.pt.
- (2007), Relatório do Provedor do Telespectador, disponível em www.rtp.pt.
- (2006), Relatório do Provedor do Telespectador, disponível em http://www.sage-ereference.com/communication/Article_n71.html.
- PINTO, Manuel (1999), «O jornalismo como campo social e como domínio de formação», *Cadernos do Nordeste*, 12 (1-2) Braga, Centro de Ciências Históricas e Sociais Universidade do Minho, pp. 75-95.
- PIRES, Rui Pena (2007), «Árvores conceptuais. Uma reconstrução multidimensional dos conceitos de acção e de estrutura», *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53, pp. 11-50.
- RAMONET, Ignacio (1999), «El periodismo del nuevo siglo», *La factoria* (8). Disponível em: <http://www.lafactoriaweb.com/articulos/ramonet.htm>
- (1997), «Mas información, mas libertad?», em encontros «Sur y Medios de Comunicación» (Outubro). Disponível em: <http://www.uned.es/ntedu/espagnol/master/primer/modulos/tecnologia-y-sociedad/masinfo.htm>
- REBELO, José (1993), «No primeiro aniversário da televisão privada em Portugal», *Análise Social*, XVIII (122), (3), pp. 653-677, disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122391730D2wWEbe2Wx50ND1.pdf>.
- ROSEN, Jay (2010), «The journalists formerly known as the media: My advise to the next generation». Lição inaugural do curso de jornalismo de Science Po, Paris, em 2 de Setembro de 2010, resumo disponível em <http://jayrosen.posterous.com/the-journalists-formerly-known-as-the-media-m>.
- (2006), «The people formerly known as the audience», *Pressthink*. Disponível em <http://journalism.nyu.edu/pubzone/eblogs/pressthink/2006/06/27/ppLfrml.html>
- ROWE D. (1996), «The global love-match: sport and television», *Media, Culture & Society*, Outubro 1996 18, pp. 565-582.
- RUSSELL, Adrienne (2009) «News bust; news boom», *Journalism*, 10 (3), pp. 365-367, SAGE Publications, disponível em [www.http://jou.sagepub.com](http://jou.sagepub.com).
- RYFE, David M. (2009), «Structure, agency and change in an American news-room», *Journalism*, 10 (5), pp. 665-683, disponível em: <http://jou.sagepub.com>.
- RYFE, David e KEMMELMEIER, Markus (2011), «Quoting practices, path dependency and the birth of modern journalism», *Journalism Studies*, Volume 12, N.º 1, Fevereiro de 2011, pp. 10-26(17).
- SCANNELL, Paddy (2009), «The dialectic of time and television», *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 625, pp. 219-235, disponível em <http://ann.sagepub.com/cgi/content/abstract/625/1/219>.
- SCHUDSON, Michael (2009), «Porquoi les démocraties ont-elles besoin d’un journalisme détestable?», *Réseaux*, 5-6 (157-159), pp. 213-232.
- SCOLARI, Carlos Alberto (2009), «Mapping conversations about new media: the theoretical field of digital communication», *New Media & Society*, 11 (6), pp. 943-964.
- SERRA, Paulo (2008), «Estética e media – o caso da televisão», disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-estetica-media.pdf>.
- SERRANO, Estrela (2005), «Padrões jornalísticos na cobertura de eleições», *Media & Jornalismo* (6), pp. 111-122.
- SIMON, Joel (2010), «Repression goes digital. The Internet has become a choke-point in the struggle for a free press», *Columbia Journalism Review*, Março/Abril. Disponível em: http://www.cjr.org/feature/repression_goes_digital.php.
- SOUSA, Helena (1999), «Serviço público, televisão comercial e a implementação da lei: alguns elementos para o debate», *Cadernos do Nordeste*, 12 (1-2), Braga, Centro de Ciências Históricas e Sociais Universidade do Minho, pp. 121-130.
- SPARKS, Colin (2005) «Extending and redefining the propaganda model», *Westminster Papers and Communication and Culture* 4 (2): 68-84, disponível em http://www.westminster.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0019/20089/006WPCC-VolFour-NoTwo-Colin_Sparks.pdf
- STIEGLER, Bernard (2009a), «Bernard Stiegler: Il y a beaucoup d’inventions qui ne produisent aucune invention», entrevista a Catherine Postevin, *Télérama*

- (3099). Disponível em <http://www.telerama.fr/techno/bernard-stiegler-il-existe-beaucoup-d-inventions-qui-ne-produisent-aucune-innovation.43551.php> —(2009b), «Entretien avec... Bernard Stiegler», *Médiadoc*, n.º 2, disponível em <http://www.fadben.asso.fr/spip.php?article77>.
- UDECAM/*Le Figaro* (2010), «Quel sera le paysage média em 2020», *Le Figaro*, 14. 10.2010. Disponível em: <http://www.udecam.fr/Medias/Doc/EditionSpecialFigaro-Edecam-Media2020.pdf>
- VAN DIJCK, José (2009), «Users like you? Theorizing agency in user-generated content», *Media, Culture & Society*; 31 (1), pp. 41-58. Disponível em: <http://mcs.sagepub.com/content/31/1/41.refs>
- WHITE, David M. (1950), «The 'gate keeper': A case study in the selection of news», *Journalism Quarterly*, 27 (4), pp. 383-390.
- WILLIAMS, Raymond (1990), «Les formes de la Télévision», *Réseaux*, 9 (44-5), pp. 107-130 (extraído da obra de 1974, *Television: Technology and Cultural Forms*, Londres, Fontana).

Dicionários, enciclopédias e demais material de referência

- UPSHAW, James R. (2009), «Evening news, Television». *Encyclopedia of Journalism*. SAGE Publications. 1.May. 2010. http://sage-reference.com/journalism/Article_n146.html.
- ALTSCHULL, J. Herbert (1995), «Boundaries of Journalistic Autonomy», em Dan Berkowitz (1997), *Social Meanings of News. A Text-Reader*, Londres, SAGE Publications, 259-268.
- BAUDRILLARD, Jean (2003 [1972]), «Requiem for the Media», em Noah Wardrip-Fruin e Nick Montfort, *The New Media Reader*, Londres, The MIT Press, pp. 278-288.
- BERKOWITZ, Dan (1997), *Social Meanings of News. A text reader*, USA, SAGE Publications.
- BBC College of Journalism (2009), «The future of journalism», CoJo Publications: 1, disponível em http://www.bbc.co.uk/blogs/theeditors/future_of_journalism.pdf.
- COOK, S. D. Noam (2006), «Technological revolutions and the Gutenberg myth», em Robert Hassan e Julian Thomas (eds.), *The New Media Theory Reader*, Berkshire, Open University Press, pp. 11-18.
- HUME, Ellen (1995), *Tabloids, Talk Radio and the Future of News: Technology's Impact on Journalism*, Washington, DC: The Annenberg Washington Program em Communications Policy Studies of Northwestern University.

- ERIKSEN, Thomas Hylland (2006), «Speed is contagious», em Robert Hassan e Julian Thomas (eds.), *The New Media Theory Reader*, Berkshire, Open University Press, pp. 272-277.
- ETTEMA, James S. et al. (1987), «Professional mass communicators» em Dan Berkowitz (1997), *Social Meanings of News. A Text-Reader*, Londres, SAGE Publications, pp. 31-50.
- HABERMAS, Jürgen (2009 [1964]), «The public sphere: an encyclopedia article», em David M. Barlow e Brett Mills, *Reading Media Theory. Thinkers, Approaches, Contexts*, Essex, Pearson, Longman, pp. 394-419.
- HASSAN, Robert e THOMAS, Julian (2006) (eds.), *The New Media Theory Reader*, Berkshire, Open University Press.
- PAVLIK, John V. (2009), «The new media journalism», *21st Century Communication: A Reference Handbook*, SAGE Publications.
- PÚBLICO (2005), *Livro de Estilo*, Lisboa, Público – Comunicação Social.
- SWEDBERG, Richard (2005), *The Max Weber Dictionary. Key Words and Central Concepts*, Stanford, Califórnia, Stanford University Press, pp. 132-3.
- UPSHAW, James R. (2009), «Evening news, television». *Encyclopedia of Journalism*. SAGE Publications. 1 Maio 2010. http://sage-reference.com/journalism/Article_n146.html.
- WARDRIP-FRUIIN, Noah e MONTFORT, Nick (2003), *The New Media Reader*, Londres, The MIT Press.
- WHANNEL, G. (2000), «Sport and the media», em J. Coakley, & E. Dunning (eds.), *Handbook of Sports Studies* (pp. 291-308), Londres, Thousand Oaks, CA, e Nova Deli, Sage.
- WHITNEY, D., SUMPTER, Randal e McQUAIL, Denis (2004), «News media production: individuals, organizations and institutions.», *The SAGE Handbook of Media Studies*, SAGE Publications. Disponível em: http://www.sage-ereference.com/hdb_mediastudy/Article_n20.html.

Nos bastidores dos telejornais

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Guide, Artes Grá-
ficas, sobre papel Coral Book de 80 g,
numa tiragem de 1500 exemplares, no
mês de Novembro de 2012.

